

## A ÉTICA EM LUC FERRY: UM HUMANISMO FUNDAMENTADO NOS VALORES CRISTÃOS

THE ETHICS IN LUC FERRY: A HUMANISM FOUNDED IN CHRISTIAN VALUES

Douglas Willian Ferreira\*

### RESUMO

Para Luc Ferry o final do século XX trouxe em seu bojo uma aparente crise do dever e com ela o fim dos fundamentos das normas morais no universo religioso ou mesmo nos ideais revolucionários. Com isso, a reflexão ética ganha novos contornos, o que vemos acontecer, por exemplo, no pensamento de Ferry que caracterizará a ética como o fundamento da vida humana, pois ela se encarrega da questão da salvação, ou seja, do sentido da vida do homem. Num humanismo em que as visões tradicionais do mundo e as concepções religiosas da ética caducaram, o homem moderno se vê diante da seguinte indagação: o que me é permitido esperar? Não podemos hesitar em retirar o Deus revelado como fundamento de nossa resposta. É através de uma secularização da ética que poderemos reconhecer os valores transcendentais que fundamentam os princípios morais pensados como algo puramente humano e que mesmo assim possui caráter absoluto e universal. Nesse sentido é a liberdade do homem associada à sua capacidade reflexiva que permitem ao indivíduo encontrar dentro de si valores que se apresentam como superiores à sua subjetividade. Assim, o homem descobre, através de sua consciência, que há valores que o transcendem e parecem valer para os demais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humanismo. Ética. Laicismo. Amor. Secularização.

### ABSTRACT

For Luc Ferry the twentieth century's end has brought in its wake an apparent crisis of duty and with it the end of the foundations of moral norms in the religious universe or even in revolutionary ideals. In order to this, the ethical reflection earns new contours, what we see happening, for example, the Ferry's thought responsible for characterize ethics as the foundation of human life, as it is in charge of the issue of salvation, that is, the meaning of human life . A humanism where traditional worldviews and religious conceptions of lapsed ethics, modern man is faced with the following question: What is allowed me to wait? We can't hesitate to pull the God revealed as the foundation of our response. It is through a secularization of ethics that we recognize the transcendent values that underlie the moral principles thought of as purely human and It still has absolute and universal character. In this sense, the man's freedom is associated with its reflective ability that allows the individual to find within itself values that present themselves as superior the life. In this way, man finds out from his awareness that there are values that transcend their subjectivity and appear to be true for others.

**KEYWORDS:** Humanism. Ethics. Secularismo. Love. Secularizacion.

---

\* Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando em Ciência da Religião pela mesma Universidade. E-mail: [douglasinvictus@hotmail.com](mailto:douglasinvictus@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

No pensamento do filósofo contemporâneo Luc Ferry, nota-se uma nítida distinção entre moral e ética. Enquanto a moral se apresenta como um conjunto de imperativos e proibições tendo como finalidade direcionar nossas ações e responder à pergunta “que devo fazer?”, a ética conduz à esfera da reflexão filosófica, levando os indivíduos à pergunta sobre o próprio sentido da existência bem expressa na seguinte formulação kantiana: “o que nos é permitido esperar?” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 193).

A significação da vida<sup>1</sup>, a saber, da vida individual, da própria vida do sujeito, através da realização de grandes projetos não faz mais sentido. As religiões com suas promessas de eternidade; as revoluções e suas promessas de um mundo igualitário transformaram-se em absurdos (FERRY, 2012a, p. 22). É através da escolha livre e da concretização dos pequenos projetos, que o homem do Segundo Humanismo<sup>2</sup>, o humanismo do homem-Deus, dará significado à própria vida.

Não havendo uma heteronomia institucionalizada, que impõe valores e delinea os projetos humanos, o homem pós-moderno se vê numa situação angustiante, porque se torna o único responsável pelas escolhas que faz<sup>3</sup>. É por isso que se fala de uma crise do dever, afinal, a busca pelo sentido da vida está intimamente relacionada à consciência individual e não a normas imperativas que ditam o que se deve ou não fazer. Nesse sentido, as grandes teorias éticas parecem ter sido legadas ao esquecimento; no entanto, Ferry percebe que ao invés de prevalecer essa aparente crise do dever, a ética, após o processo de desconstrução filosófica<sup>4</sup>, se fundamentará na responsabilidade e consecutivamente, na capacidade do homem de amar ilimitadamente todos aqueles que participam de sua humanidade.

---

<sup>1</sup> Quando fala de “sentido da vida”, Luc Ferry não se refere à “vida em geral”, como algo que aponta para uma concepção metafísica e absoluta. Dar sentido à vida é uma tarefa do sujeito enquanto individualidade, que acaba por traçar caminhos de significação da ‘própria vida’. Portanto, no decorrer do texto, o conceito de vida, sentido da vida, significação da vida etc. ganham essa conotação e referência individualizante.

<sup>2</sup> Luc Ferry faz a distinção entre dois humanismos: o Primeiro Humanismo se relaciona àquele gerado pelas propostas iluministas no qual a razão tem um papel fundamental porque é ela que faz do homem um ser excepcional e, em muito, superior aos demais seres. Já o Segundo Humanismo, criado por Luc Ferry, surge após o processo de desconstrução da metafísica e da secularização moral e se caracteriza por valorizar, acima da razão, o amor. No decorrer do texto nos referiremos ao Segundo Humanismo como sendo o humanismo do homem-Deus.

<sup>3</sup> Essa afirmação deve ser considerada não somente a partir da concepção de Ferry, mas também de Sartre.

<sup>4</sup> A desconstrução será para Ferry o momento histórico de rupturas acontecidas no século XX ocasionando novas interpretações da moral e da construção do pensamento. Desconstroem-se os valores e as autoridades tradicionais findando com as ilusões difundidas por eles. Veremos mais adiante que Luc Ferry salienta dois grandes pensadores como os mais importantes desconstrutores de nosso século: Nietzsche e Heidegger.

Essa responsabilidade é a base da ética do humanismo do homem-Deus desenvolvido por Ferry, que se difere do primeiro, porque valoriza o amor em detrimento da razão, e a abnegação e o sacrifício de si em favor da humanidade. Para melhor compreender essa proposta, esse artigo tratará, num primeiro momento, dos pressupostos da moral kantiana, que embasam, segundo Ferry, o secularismo da moral moderna. Posteriormente, será desenvolvida uma investigação acerca da relação entre liberdade e comportamento humano que resultará num chamado do homem à responsabilidade e ao amor (FERRY, 2012c, p. 141). Por fim, chegar-se-á aos pressupostos éticos do humanismo do homem-Deus que ao associar laicidade e espiritualidade, apresenta uma nova possibilidade de o homem moderno significar a própria vida através do sacrifício de si mesmo. É, então, nessa íntima relação entre espiritualidade e laicidade que se reconhece o quanto a ética defendida pelo autor carrega consigo o ranço de toda a proposta da tradição cristã.

## **1 AS IMPORTANTES CONSIDERAÇÕES DE KANT PARA A CONSTITUIÇÃO DA MORAL LAICA CONTEMPORÂNEA**

Para Ferry, o grande responsável pela secularização da moral é Kant porque coube a ele, bem como aos republicanos franceses, “a noção de virtude desinteressada e a de universalidade” (FERRY; COMTE-SPOVILLE, 1999, p. 221). No entanto, tais noções só se tornaram possíveis a partir de uma nova visão do homem que surge com o pensamento de Rousseau. De modo geral, o homem deixa de ser concebido como uma criatura determinada por uma essência prévia, conferida pelo criador, tornando-se, pela liberdade, o único responsável por aquilo que é (FERRY, 2012a, p. 170-171). Assim, segundo Ferry, antes mesmo de Sartre valorizar a precedência da existência sobre a essência, Rousseau já teria apontado para a capacidade de o homem buscar seu aprimoramento pessoal. O ser humano possui a capacidade de se aperfeiçoar, e isso tanto no âmbito individual (educação), quanto no social (cultura). A história mesma relata o modo como o homem não se acomoda à natureza, enquanto determinação, demonstrando sua busca constante pela perfeição. Dessa forma, o homem se diferencia dos demais animais, por sua capacidade de excesso, ou seja, pela sua liberdade. Afinal, são somente os seres livres que podem buscar o aperfeiçoamento pessoal, que será chamado por Rousseau de “perfectibilidade” (FERRY, 2007, p. 130).

Essa capacidade consciente de buscar aperfeiçoar-se sempre mais permitirá ao homem analisar suas ações e julgá-las. Não havendo mais a necessidade de um fundamento ético-

teológico, o homem passa a repensar o espaço político e a interação social fundamentado em sua própria capacidade reflexiva e interesse pelo bem comum, portanto, “temos, então, uma ética fundada no homem” (FERRY, 2012b, p. 34) que dispensa toda a heteronomia religiosa.

Quando Kant seculariza a moral, “fica claro, primeiramente, que a exigência da ‘preocupação com o outro’ e até mesmo, se for o caso, do ‘dom de si’ não desapareceu das grandes éticas leigas” (FERRY, 2012b, p. 35). O que permite afirmar que não é porque independe dos fundamentos religiosos, que a moral contemporânea, leiga, secularizada e mesmo laica, esteja revestida de desumanidade, intolerância, agressividade e egoísmo. Mais que isso, essa moral laica debruça-se por fazer calar o egoísmo no homem, aperfeiçoando-o. Sobre isso Ferry (2007, p. 155) afirma:

Nossa natureza, volto a insistir, é naturalmente inclinada ao egoísmo, e se quero dar espaço para os outros, se quero limitar minha liberdade às condições de sua integração com a de outrem, então é preciso que eu faça um esforço, é preciso mesmo que eu me violente. E é somente com essa condição que uma nova ordem de coexistência pacífica dos seres humanos é possível.

Dessa forma, uma moral que se fundamenta na liberdade torna-se o estímulo da vida social através de seu apelo à responsabilidade e da abstração aos particularismos. Mais que isso, o que chama atenção nessa valorização da liberdade do homem é o fato de que para chegar ao outro, para evidenciar sua humanidade, é necessário que o homem violento a si mesmo, violento aquilo que lhe é mais natural, o desejo de manutenção de si. Chama-se tal atitude de abnegação, e esta resultou da própria experiência sentimental do homem: em favor daquele que se ama, nega-se a si mesmo. O próprio Rousseau já havia afirmado tal situação em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade* (1999): “Assim que os homens começaram a apreciar-se mutuamente e se lhes formou no espírito a ideia de consideração, cada qual pretendeu ter direito a ela e não foi mais possível privar ninguém dela impunemente” (p. 211), e o sentimento devotado ao outro, será o terreno favorável para o surgimento da moral: “provieram daí os primeiros deveres da civilidade” (p. 211).

Para Ferry, enquanto a ética religiosa, diferentemente da ética grega, valoriza o ideal de igualdade, apresentando os seres humanos como “filhos de Deus” e reconhecendo, em todos eles, a capacidade de um crescimento espiritual que contribui com seu aperfeiçoamento humano-cristão a partir dos méritos conquistados em suas ações virtuosas e altruístas, a moral humanista fundamenta essa igualdade entre os homens na liberdade. Nesse sentido Kant afirma:

A liberdade, e a consciência desta como um poder que temos de seguir, com uma resolução preponderante, a lei moral, é a *independência em relação às inclinações*, pelo menos como causas motrizes determinantes (mas não como *causas que nos afetam*) de nosso desejo; e enquanto tenho consciência dessa independência na observância de minhas máximas morais, ela é a única fonte de um contentamento inalterável necessariamente ligado a essa consciência. (KANT, 2006, p. 145).

Ou seja, a moral é fruto da consciência humana, que permite ao homem voltar-se em si mesmo, tornando-se nesse sentido uma consciência refletida, para assim reconhecer-se, em sua liberdade, semelhante a todos os outros homens. Nesse sentido, a ética humanista defendida por Ferry afirma que “a dignidade de um ser não depende dos talentos recebidos com o nascimento, mas do que ele faz deles, não da natureza e dos dons naturais, mas da liberdade e da vontade da pessoa humana, quaisquer que sejam seus dotes iniciais” (FERRY, 2012a, p.138). Vê-se assim que a valorização da igualdade do homem migra do ideal religioso de “imagem e semelhança de Deus” para a consideração da liberdade humana.

Essa valorização da liberdade só foi possível, segundo Ferry, com a promulgação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, que evidenciou, ainda mais, o papel central do homem nessa nova concepção moral:

A declaração dos Direitos do Homem podia ser lida como uma secularização dos valores cristãos. Nela, encontramos expressa a ideia de uma humanidade enfim reconhecida como UMA, assim como a afirmação, sob diferentes formas, da dignidade *peçoal* de cada ser humano. O fato de o vocabulário dos ‘direitos’ e do ‘indivíduo’ sobrepor-se exatamente ao do ‘sagrado’ e da ‘alma’ indica suficientemente a amplitude dos deslocamentos, mas também a realidade de uma continuidade. (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 511-512).

Assim, a modernidade não se olvidou de valorizar o ser humano enquanto dotado de uma dignidade, porque sua humanidade apresenta-se como sagrada, ou seja, como distintivo do respeito e reverência que são devidos ao homem. Não que o homem moderno seja uma divindade ou um ser excepcional, capaz unicamente de belas ações, – e isso Luc Ferry o reconhece –, mas porque ele é o único ser capaz de humanizar a transcendência a partir da afirmação de valores superiores à sua própria vida, uma vez que é capaz de violentar sua vontade mais íntima para fazer acontecer o interesse comum e o respeito ao outro.

Esse elemento espiritual e racional possibilita ao homem bastar-se a si mesmo no que diz respeito aos embasamentos morais. Kant ilustra bem essa mudança acontecida no campo da ética, pois, mesmo postulando a existência de Deus, não necessita dEle para fundar a moral. Assim, quanto aos conteúdos, a moral laica permanece íntima da religiosa, e a

diferença se encontra na nova forma desse conteúdo, na qual a laicidade valoriza o homem, como propõe o filósofo crítico, não como um “meio”, mas como “fim”, garantindo a ele uma singular dignidade.

A própria formulação do *Imperativo Categórico*, segundo Ferry, retrata a valorização do racional em detrimento dos determinismos naturais. Assim,

como já não se trata de imitar a natureza, de tomá-la como modelo, mas quase sempre de combatê-la, e particularmente de lutar contra o egoísmo natural em nós, é claro que a realização do bem, do interesse geral não é óbvia, que ela se choca, ao contrário, com resistências. Daí seu caráter imperativo. (FERRY, 2008b, p. 67).

Assim, para Ferry, o Imperativo Categórico conscientiza o homem acerca de sua responsabilidade com o outro, criando, nessa relação, uma valorização da transcendência. Aqui, o termo não se identifica com uma divindade, mas simplesmente “essa transcendência do outro que eu sinto na experiência do amor” (FERRY, 2013, p. 93). E o autor utiliza desse termo porque acredita que o amor “me faz ‘sair de mim’” (p. 93), mas, no entanto, é sentido na subjetividade mais radical, sendo, portanto, imanente ao homem. Portanto, o sagrado está na própria humanidade, e não acima dela, como propôs durante séculos a tradição metafísica ou, nos termos de Kant, a tradição ontoteológica, uma vez que o movimento de saída de si faz com que o homem experiencie a sacralidade. Diz Ferry em *A revolução do amor* (2012a, p. 16):

o termo sagrado não no sentido religioso, mas em seu sentido ideológico e filosófico; não como o oposto de profano, mas antes como “aquilo pelo qual podemos nos sacrificar”, nos arriscar ou dar a vida. É desse ponto de vista, por exemplo, que um agnóstico ou um ateu podem perfeitamente falar de “valores sagrados”.

Nesse sentido é que o amor pode ser adjetivado como sagrado, porque é motivo de saída de si mesmo em direção ao outro, suspendendo o individualismo humano. Nessa lógica é que o amor é marcado pela transcendência, desbancando com isso, as divindades e ideais metafísicos da tradição religiosa e da modernidade<sup>5</sup>. Todavia, a grande questão que se coloca é a seguinte: o que faz do homem esse ser tão excepcional, capaz de se tornar sagrado, digno de um amor puramente devotado, a ponto de se sacrificar por ele? E a resposta de Luc Ferry

<sup>5</sup> É necessário aqui uma crítica ao pensamento de Ferry: quando o autor propõe essa imanentização da sacralidade, trazendo-a das divindades transcendentais para o homem através do amor, é ainda nítida a permanência do caráter metafísico e essencialista, que ele tanto rebate no Humanismo iluminista, em sua proposta.

a tal questionamento certamente seria que aquilo que confere ao homem tal singularidade é sua liberdade.

Essa liberdade transcende a subjetividade humana porque permite ao homem “estar sempre em projeto, em projeção, em superação de si, não sendo idêntico a si mesmo” (FERRY, 2012c, p. 203). Por isso, o homem pode construir sua própria identidade fugindo de todos os determinismos. De criado a criador, a liberdade faz do homem “uma exceção na natureza ou, melhor dizendo, no sentido próprio, um ser ‘sobrenatural’” (FERRY, 2012c, p. 205), inclusive porque aquela é a condição de possibilidade do amor e, portanto, da experiência de transcendência.

Mas a liberdade, quando distanciada do amor, traz consigo o risco da decadência, ou seja, assim como ela pode ser uma ascese a todos os determinismos, a escolha por ela permitida, quando não refletida e distante da moralidade, pode culminar nas maiores atrocidades. Nesse sentido, a ética do amor se torna indispensável no direcionamento das escolhas do ser humano livre, porque garante a ele a força necessária para o agir bem. Desse modo, a ética desponta como elemento de salvação, porque garante ao homem a possibilidade de significar a própria vida. Especificamente, Ferry trata de uma ética do amor, pois somente esta impulsiona o homem à ação desinteressada, à preocupação com o outro e mesmo à compaixão.

## **2 AMOR E DEVER: AMA E FAZ O QUE QUISERES**

Como se vê, enquanto a moral se apresenta como um conjunto de imperativos que regem o comportamento humano direcionando-o na prática da justiça e do bem, evocando assim a ideia de dever, e esse, por sua vez, remete à coerção, o amor está relacionado à gratuidade, porque não é coercitivo; à liberdade porque é questão de escolha e abertura; e a uma esfera superior à moral porque se liga, antes de tudo, à própria grandeza do espírito humano. Nesse sentido, “os encantos da virtude juntam-se para vós aos do amor” (ROUSSEAU, 1995, p. 536). O que pode ser presumido, sobretudo, de toda a consideração filosófica de Ferry acerca da moral e do amor.

Se em tudo o que faz, e porque faz, a motivação do homem é o amor, tem-se já, na própria atitude tomada, uma extrapolação a toda coerção moral. Nesse sentido, os imperativos se tornam desnecessários diante da espontaneidade da alma que, impelida pelo amor, resgata o

outro do sofrimento que lhe toma. Assim, o imperativo categórico de Kant<sup>6</sup>, ganha uma nova formulação: “Não deixe que façam ao outro...”<sup>7</sup> (FERRY, 2012b, p. 149) ou mesmo, “Ame, ou faça o que deve fazer” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 209), o que evidencia a primazia do amor sobre os fundamentos morais. Nesse aspecto, Ferry defende o amor como elemento ético e não moral, ou seja, o amor se relaciona à esfera da reflexão e do espiritual, respondendo à pergunta “o que me é permitido esperar?” e não à pergunta sobre como se deve agir, uma vez que a ação motivada pelo amor resulta de uma ação livre que não pode ser imposta. O amor não é lei moral, o amor requer adesão na liberdade e, por isso, faz da ação humana uma ação refletida: antes de agir, o homem escolhe o modo dessa ação, e dentre tantas escolhas possíveis, o amor se apresenta como a mais coerente e grandiosa. A ação por dever, própria da moralidade, não espera o engrandecimento do outro, nem a salvação, que é, sobretudo, a capacidade que o ser humano tem de vencer seus próprios medos. Desse modo, o amor é o caminho pelo qual torna possível ao homem se salvar, por isso, ele é a resposta à pergunta: “o que me é permitido esperar?”

Nesse sentido, Sponville distingue dois princípios, evidentemente possíveis de serem aproximados ao pensamento de Ferry, que direcionam a atitude do homem: “De um lado, *Ame, e faça o que quer* (é a máxima da ética, pelo menos se se trata de uma ética do amor); e de outro lado: *Aja como se você amasse, e faça o que deve fazer* (é a máxima da moral, que se impõe quando o amor está ausente)” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 208-209). Assim, a ética se encarrega das questões que se relacionam ao sentido da vida, permitindo um aprimoramento da própria espiritualidade.

A partir disso, o outro se torna valorizado por aquilo que ele é: como um fim em si mesmo, e não como um meio que permite ao homem alcançar a salvação, algo que Ferry critica veementemente nas ações caritativas cristãs, ao defender a ideia de que é necessário ajudar ao outro para alcançar a Eternidade. Afinal, “não era o Outro como tal que se colocava como objeto de qualquer autêntico respeito, mas o cristão em potencial” (FERRY, 2012b, p. 151), ou seja, valoriza-se o outro não por sua humanidade, mas sua pertença à determinada pátria ou religião. A autêntica ação desinteressada pautada no amor valoriza acima de tudo a humanidade do homem, portanto, ama a todos indistintamente.

---

<sup>6</sup> “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal.” (KANT, 2006, p. 47).

<sup>7</sup> Na obra *O homem-Deus ou o sentido da vida*, Ferry explica o sentido dessa formulação que assinala o ‘algo mais’ de universalidade que o humanitário moderno pretende introduzir, ou seja, a capacidade do homem moderno de fazer o bem indistintamente, de forma que cada um se sinta responsável pelo bem do outro.



O amor, ao contrário da tristeza típica do dever, resulta na espontaneidade alegre e, assim, no fazer o bem gratuitamente. É por isso que o amor é permissivo, porque, amando o outro, se é tomado pelo forte desejo de concretização do bem. Afinal, o amor não impele a ações más, e por isso ele não necessita dos imperativos morais para resguardar sua limpidez e excelência, porque “o que fazemos por amor sempre se consuma para além do bem e do mal” (NIETZSCHE, [200-], p. 91), visto que no amor, para além de toda distinção e dualidade racional, age-se amando. É na simplicidade do amar, e não no complexo e analítico exame das ações, que se despontam a gratuidade e o desinteresse em que o amor se manifesta, visto que, quando o amor existe, o dever como imposição já não é necessário<sup>8</sup>. A permissividade do amor anula a imposição heterônoma porque jamais uma atitude escolhida por amor será má. Ao amor só compete as boas ações<sup>9</sup>. O amor não pode ser um dever que nos é imposto, ‘um dever de amar’, porque excluiria sua correlação basilar com a liberdade. Amor e liberdade se mantêm mutuamente e direcionam a consciência do ser humano em referência ao bem. O plano ético é reflexivo, envolve escolha; enquanto o plano moral, do dever, requer aceitação e seguimento aos imperativos.

Por isso o amor direciona à transcendência na imanência<sup>10</sup>, ou seja, “é ele, em última instância, que dá sentido a nossas vidas. Não apenas porque indica, no seio do Eu onipotente, um além dele, mas porque esse além se revela um outrem e porque não há sentido fora de uma relação com o outro” (FERRY; SPONVILLE, 1999, p. 228). Assim, o amor lança o homem para fora de si mesmo enquanto que a moral se converte, num sentido oposto, em atitudes direcionadas ao homem como uma autolimitação; o amor caracteriza-se pela saída, pelo arriscar-se sem visar recompensas, na moral, por sua vez, o homem retrai suas ações visando o reconhecimento de outros e a glória pública. Não que a moral não seja necessária, mas ela

---

<sup>8</sup> É importante distinguir aqui duas esferas da ação humana: a heteronomia e a autonomia. O amor se torna dever quando a consciência do ser humano lhe aponta para a ação amorosa. Ou seja, esse dever que se insere na ação por amor nasce da autonomia reflexiva, da interioridade, mas não como um dever rígido, imposto pela lei, ou pelos costumes, a que Luc Ferry entende como heteronomia. O amor é autonomia, liberdade, escolha e não se apresenta como um dever do tipo “tem que agir desse modo”. Se escolho agir por amor, esse dever é abrandado pela escolha da alteridade que o sujeito faz. Não se “deve” agir por amor sem uma aceitação e opção. Dever de amar é escolha, não regra.

<sup>9</sup> Poderiam questionar aqui, por exemplo, a atitude de uma pessoa enciumada como uma atitude má. E realmente o é. Contudo, o ciúme é a motivação de um egoísmo pessoal, que não se identifica com o amor. Ninguém mata por amor, ninguém rouba por amor, ninguém engana por amor.

<sup>10</sup> Nesse segundo humanismo, proposto por Ferry, a transcendência perde seu valor de exterioridade e verticalidade, passando a se caracterizar como uma transcendência na imanência. Vemos que esse conceito nasce da fenomenologia de Husserl. Nas palavras do autor: “diferentemente da transcendência teológica, essa transcendência fenomenológica não remete à ideia de um fundamento último, situado fora do mundo, mas antes, retomando o vocabulário de Husserl, à ideia de horizontes ou, se preferirem, ao fato de que toda presença nos é dada sobre o fundo de uma ausência, todo visível sobre o fundo de um invisível” (FERRY, 2008b, p. 87).

só será autêntica quando relacionada à gratuidade do amor. Assim, a liberdade associada ao amor atenta para a responsabilidade com o outro.

Não se pode esquecer que a ética do amor, se assim pode ser chamada, defendida por Ferry, é uma secularização da ética cristã desenvolvida na patrística. De modo especial, aponta-se aqui a proposição de Agostinho: “Ame, e faça o que quer” (AGOSTINHO, 1989, p. 8). Assim, a valorização do amor como um fundamento da ética não aparece somente com o humanismo moderno. Talvez o que se apresenta como novidadeiro é o fato de que a finalidade dessa ação amorosa não é um encontro pessoal com Deus, ou mesmo a conquista da salvação, mas o respeito pelo outro “como um indivíduo em geral, abstração feita de qualquer pertencimento” (FERRY, 2008b, p. 63), ou seja, é porque o homem age desinteressadamente, que sua ação ajuda-o a significar a própria vida. Chama a atenção, na profundidade dessa exigência ética secular, o fato de que o amor se torna gratuidade, fruto da espontaneidade do homem. Nesse sentido, a ética da transcendência<sup>11</sup> desperta uma força de ação que quer afirmar cada vez mais a liberdade humana e também a sua própria humanidade.

Contudo, é no amor que se encontra a interação da ética transcendente com a moral, encarnada na própria existência humana. Afinal, quando o amor se torna o fundamento não há o que temer, nem regras a cumprir, extrínsecas ao amor, ou que não lhe seja compatível, ou que não se perfaça na forma do amar, porque o próprio amor é a regra. E quando se sabe e se vive verdadeiramente esse amor, as ações se tornam verdadeiras, porque o amor se torna o princípio e o fim de tudo. Nesse sentido, o amor é superior à lei, porque não necessita de seus imperativos para ser. E o sentido mais íntimo da espiritualidade, afirma Ferry, se encontra nessa relação “entre o concreto, o particular de nossas existências e o universal dessas estruturas ideais” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 235). Sobre isso, os autores afirmam:

Somente quem ama não precisa mais agir como se amasse. É o espírito dos Evangelhos (“Ama e faz o que quiseres”), pelo que Cristo nos liberta da Lei, explica Spinoza, não a abolindo, como queria estupidamente Nietzsche, mas consumando-a (“Não vim para revogar, vim para cumprir...”), isto é, comenta Spinoza, confirmando-a e inscrevendo-a para sempre “no fundo dos corações”. A moral é esse simulacro de amor, pelo qual o amor, que dela nos liberta, se torna possível. Ela nasce da polidez e tende ao amor; ela nos faz passar de uma a outro. É por isso que, mesmo austera, mesmo desagradável, nós a amamos (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 120).

<sup>11</sup> Termo utilizado pelo próprio autor ao tratar dessa valorização de uma ética que se fundamenta no amor; Ferry o utiliza sem qualquer relação com o pensamento teológico-ético, mas visando a secularização. Ver o termo em Ferry; Comte-Sponville (1999, p. 226).

Esse movimento garantido pelo amor, a saber, da equivalência entre o dever e a gratuidade, resulta da atitude de amar o amor. Deve-se amar, e isso é gratuito. Como na moral, só se é possível agir moralmente amando os preceitos morais para, assim, fazer deles motivadores de uma ação que visa o bem e o justo, também o amor exige ser amado para que o homem possa se entregar verdadeiramente ao outro. Assim, antes de amar outrem deve-se amar o próprio amor e seus impulsos, porque ele é o possibilitador de toda mudança e de toda a abertura. Se não amo amar então não amo. Porque não sendo o amor um dever ético ele deve ser objeto de amor para que não se transforme em dever moral. Nessa lógica, o amor permite uma abertura para o absoluto que se apresenta ao homem através dos fundamentos éticos, ao que se pode concluir que “não é o absoluto que é amor; o amor é que, às vezes, nos abre para o absoluto” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 190).

Dessa forma, como defende Ferry, o amor confere sentido à vida humana e permite a intimidade com os absolutos morais<sup>12</sup>, porque é somente a partir dele que os homens são capazes de todo o resto. Por isso, o amor é primeiro, mesmo que sendo amor a si mesmo, e o sendo, sabe de sua capacidade de agir em vista do bem.

### 3 A DIMENSÃO SACRIFICIAL E O SENTIDO DA VIDA

Ao mudar sua relação com o transcendente, o homem modifica acima de tudo “a questão do sentido da vida [...], pois, a partir dali, seria o amor profano – e não mais o amor a Deus – a dar à existência dos indivíduos a sua significação mais manifesta” (FERRY, 2008a, p. 111), libertando esse mesmo homem da heteronomia religiosa e afirmando o desejo sempre crescente da significação da própria vida, mesmo quando não parece fazer sentido falar de sentido.

Como se vê, o itinerário da busca pelo sentido da vida traçado por Luc Ferry abarcará, necessariamente, uma nova dimensão até então íntima da religião, ou seja, o homem moderno encontra o sentido da vida quando reconhece que os valores que são a ele transcendentos e ao mesmo tempo imanentes lhe farão uma exigência: é preciso sacrificar-se. Dessa forma, o homem se sacrifica por aquilo que acredita ser sagrado. Daí decorre que sacrifício e sacralidade possuem uma íntima relação com a ética laica.

Na obra *A sabedoria dos modernos*, Ferry afirma que

---

<sup>12</sup> Para Luc Ferry os princípios éticos são absolutos porque não negociáveis, assim como não são criados pelo homem.

o sagrado, não aparece de forma alguma como tal por minha vontade: não é por eu querer esse sagrado que ele é sagrado, mas, ao contrário, é por ele se apresentar a mim, *ainda que contra a minha vontade*, como sagrado que eu o quis, *muitas vezes contra o que o interesse ou o desejo me levariam a escolher*. (FERRY; COMTE-SPONVILLE 1999, p. 53, grifos dos autores).

E Ferry exemplifica: se uma pessoa lhe apontasse uma metralhadora e ameaçasse matá-lo caso não obedecesse às suas ordens de torturar uma criança inocente, certamente, por ser eticamente intolerável essa atitude, – por haver um absoluto inquestionável que não lhe permite a concretização desse ato de tortura –, então acontece um sacrifício daquele que nega matar a criança (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 54). Dito em outros termos: a noção de sacrifício está intimamente ligada à noção de sagrado porque, muitas vezes, o homem aceita pagar algo com a própria vida “saindo de si mesmo”, arrancando-se de seu ego. É o que muitos pais fazem diariamente, ao escolherem entre realizar a vontade dos filhos e sacrificar as próprias vontades e projetos. Não no sentido de uma permissividade desenfreada que acaba por resultar em crianças sem limites que, percebendo a total passividade dos pais, usam de todos os meios para conquistarem coisas mesquinhas. É o sacrifício em vista de algo maior: mães que escolhem a vida do bebê à sua; mães e pais que sacrificam noites de sono no leito de um filho doente; mães e pais que empreendem suas economias para o crescimento educacional dos filhos. É sobre esse sacrifício, ligado às coisas mais essenciais, que trata o autor.

No entanto, o homem não se pode dispor unicamente a sacrificar a si mesmo em prol de seus mais caros relacionamentos. Inclui-se nessa lógica o sacrifício pelo desconhecido, por aqueles que sofrem injustiça social, defendendo sua causa; por aqueles que passam por todos os tipos de necessidades e que, mais do que dar uma ajuda material, faz o homem se preocupar, tirando-o de sua zona de conforto e despertando-o para o sofrimento alheio. As situações são plurais, e a grandiosidade dessas atitudes sacrificais evidencia a seguinte verdade:

Arriscar a vida, seja qual for o motivo, é e sempre será algo difícil, tão difícil que, na verdade, é difícil ver o que poderia significar, em relação a isso, o qualitativo ‘egoísta’. Os valores sacrificais haviam simplesmente descido do céu das ideias – dos ídolos – para se encarnar no humano. (FERRY, 2008a, p. 115).

Encarnando-se no humano, esses valores transcendentais se tornam superiores à própria existência do homem, dando a ele motivos para viver; e “o amor, é claro, é o mais visível e mais forte, não só por se encarnar em relações com outras pessoas, mas também por

animar todas as demais ordens: do direito à ética, passando pela arte, a cultura e a ciência” (FERRY, 2012b, p. 200). Se o homem não tiver valores ou pessoas que o motivem a arriscar a própria vida, tem-se a evidência de que também lhe falta sentido para viver.

#### **4 UMA BUSCA DE SENTIDO TERRENA: O FIM DA METAFÍSICA**

Para Luc Ferry, a secularização do próprio sentido de viver só se tornou possível porque, com Heidegger e Nietzsche a pós-modernidade se desvencilhou da metafísica tradicional, o que representa uma abertura completa ao próprio homem sem esperar respostas dadas pelo Divino. Mais que um rompimento com a ética teológica medieval, enfatiza Ferry, a desconstrução rompe com os resquícios de transcendência contidos no primeiro humanismo, como a Pátria, a Revolução e a República. Assim, tudo o que é exterior à consciência do homem deve ser abandonado. O que resta? O homem e sua relação consigo mesmo. Por isso, Nietzsche afirma que a vida “é plenamente boa sob duas condições: que seja intensa e livre, ou seja, sem ilusões. Intensividade e emancipação são os dois traços essenciais que, doravante, vão pretender definir a vida boa para os mortais” (FERRY, 2013, p.40), em que o homem se reconhece como o único responsável pela construção de sua individualidade e também pelo rompimento com toda e qualquer forma de fantasia que o prende nas ilusões da metafísica. Não é possível viver intensamente quando o homem se encontra sentenciado por uma transcendência que o faz esquecer o presente, em vista de uma recompensa futura, de uma vida mais perfeita e legítima do que essa. Limitar-se buscando a salvação? Não é o fato. Sacrificar os desejos e potencialidades e castrar-se da felicidade terrena em vista de uma opção maior? É ilusão. Se há salvação, ela não pode estar em outro mundo, em outra vida que não essa, porque é a única que se tem.

Outro grande pensador que Ferry apresenta como responsável pela desconstrução da metafísica é Heidegger. Com sua elaborada crítica ao mundo da técnica, o filósofo alemão, para Ferry, lança o homem em sua humanidade, retirando-o da arrogância de criador, ou seja, faz com que o homem se reconheça como um ser finito. Não que o homem não possua algo de transcendente, mas sua transcendência, como se vê, está intimamente ligada à sua própria imanência. As aberrações resultantes do Imperialismo mostram aquilo que em Heidegger, Ferry vê como sendo essencial ruir: a prepotência do homem que se acha poderoso a ponto de não reconhecer a humanidade de outros homens. No entanto, nota-se aqui que Ferry faz uma redução do pensamento de Heidegger para afirmar suas próprias concepções, tendo em vista

que o autor não considera o fato de que Heidegger critica também o próprio sujeito autoconsciente que fundamenta as concepções humanistas. Sobre isso esclarece Vattimo em sua obra *O fim da modernidade* (1996, p. 32): “o humanismo é a doutrina que atribui ao homem o papel de sujeito”, isto é, de autoconsciência como sede da evidência. Assim, Ferry se esquece de que, para Heidegger, o grande problema da autoconsciência característica do humanismo é que ela se colocava como a causa e a presença plena do ser, que Ferry parece evidenciar no conceito de transcendência na imanência, que por mais humanizado que se mostre, continua a fazer uma abstração esquecendo-se de que há no ser uma característica histórico-cultural e, portanto, temporal.

Finalmente, é necessário acabar com todo tipo de preconceito que encerra o homem numa essência pronta e acabada, característica do homem da técnica, que se coloca como superior àqueles que não possuem o domínio tecnológico e científico. E, que iludido por esse domínio, nos dirá Ferry, é capaz de fazer as piores atrocidades. Nesse sentido é que Heidegger sabiamente é um desconstrutor: porque relembra ao homem, de certa forma, que não é legítimo agir desumanamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da pura humanidade que constitui o homem reafirma a preocupação que ele deve nutrir pelos outros. Para Ferry, um humanismo tão humano só poderá se embasar no sentimento mais verdadeiro e recíproco, que leva o homem a sair de si em favor do outro: o amor.

Dessa forma, o amor se torna o fundamento e o doador de sentido para todo ser humano, porque o amor possibilita a anulação de qualquer moral, e mesmo qualquer princípio religioso que determina o homem a agir por coação. Trata-se de um amor que se expressa em atitudes autênticas, verdadeiras, desinteressadas, ilimitadas, que ultrapassam o discurso hedonista e leva a agir em favor de todos. Em *ágape*, o amor por excelência, o homem consegue alcançar a alteridade. Esse amor convoca os homens à responsabilidade, porque permite a eles a realização do bem pelo bem, e não por interesse. É assim que o amor conclama à responsabilidade. O amor, que fundamentará essa nova concepção ética, é sentido pelo homem, portanto imanente, puramente humano, mas leva o homem a sair de si mesmo indo em direção ao outro. Essa saída, esse impulso para fora de si mesmo é comum a todos os

homens. Indiscutivelmente, todo homem é capaz de amar, e se ama, ama algo ou alguém. O amor é, portanto, um princípio universal, e absoluto, pois é comum a toda a humanidade.

Pelo amor, a transcendência imanente não é imposta ao ser humano como lei nem mesmo parte da exterioridade, mas brota da própria interioridade do homem e lança-o para a exterioridade e para a preocupação com outrem. Há um “fora de mim” que aparece como um sentimento que impele, mostrando que há algo de invisível em tudo que é visível. No entanto, essa transcendência está também dentro do homem; afinal, existe algo que, não visível, possibilita compreender além da percepção. Essa transcendência não requer uma desvinculação com a imanência; na verdade, ela é a possibilitadora da compreensão que se tem da imanência. Esse “fora” do homem se identifica com a humanidade que permeia suas relações e que desperta a consciência para o respeito a todos os homens. Trata-se de uma ética humanista da responsabilidade alicerçada no amor pelo próximo. Aqui o homem se torna, segundo Ferry, sacralizado a partir de sua humanidade. Quanto mais se humaniza mais se diviniza.

Tal divinização do homem é resultante da concepção de uma ética laica, proposta pelo autor, e que leva em consideração a afirmação sempre crescente da preocupação com toda a humanidade. No entanto, sua formulação filosófica, como foi visto, não escapa dos conceitos religiosos. Daí poder afirmar que os valores cristãos embasam toda sua formulação ética. Contudo, não se trata de um discurso dogmático institucionalizado, mas de valorização do homem num humanismo secular-cristão, se assim é permitido dizer. O próprio discurso do autor acerca da centralidade do amor como fundamentação de toda a ação ética remete aos ensinamentos cristãos da valorização de *ágape*, do sacrifício de si pelo próximo em busca da eternidade. Diferente dessa concepção, Ferry afirma que a ação ética ultrapassa as recompensas prometidas pelas religiões visando à consciência do homem e sua total responsabilidade em relação à alteridade. A ética, pautada no amor, faz o homem mais humano e é resultado do reconhecimento de que o homem está fadado à realidade presente, e não a um mundo que há de vir. Além disso, a ética humanista, por mais secular que seja, não pode fechar os olhos aos valores cristãos que continuam a fundamentá-la, mesmo quando Luc Ferry propõe uma ressignificação desses pressupostos cristãos. Mesmo que o amor não seja mais concebido numa relação mediada por Deus, como quer o cristianismo, *ágape* ainda é terreno religioso, desde sua formulação até sua prática. Esse valor cristão é claramente encontrado na estrutura que permanece na proposta de Ferry: não mais o Deus-homem, agora o homem-Deus. Numa linguagem matemática, a ordem dos fatores não altera o resultado, e o

resultado, como notamos, é ainda uma sombra de cristianismo em meio a essa ética humanista e secular.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Comentário da primeira epístola de São João**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989.

COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRY, Luc. **A revolução do amor**: por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FERRY, Luc. **Do amor**: uma filosofia para o século XXI. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês**: política e vida privada na época da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008a.

FERRY, Luc. **O anticonformista**: uma autobiografia intelectual; entrevistas com Alexandra Laiguel-Lavastine. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.

FERRY, Luc. **O homem-Deus ou O sentido da vida**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.

FERRY, Luc. **Vencer os medos**: a filosofia como amor à sabedoria. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FERRY, Luc; COMTE- SPONVILLE, André. **A sabedoria dos modernos**: dez questões para o nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Marcio Pugliesi, USP. Curitiba: Hemus, 2001. Disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/alem-do-bem-e-do-mal.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.